



LITERATURA COMPARADA DESCOLONIAL: conceituações
LITERATURA COMPARATIVA DECOLONIAL: conceptualizaciones
DECOLONIAL COMPARATIVE LITERATURE: conceptualizations

Edgar César Nolasco¹

Resumo: O ensaio propõe uma discussão em torno da conceituação de uma possível literatura comparada descolonial. Para tanto, detém-se em torno da prática de uma desmetaforização que, por sua vez, se contrapõe à prática da metaforização empregada pela disciplina de literatura comparada moderna. A teorização proposta embasa-se em discussões teóricas advindas tanto da literatura comparada, quanto dos estudos descoloniais. Entre tais teóricos, merecem destaque Walter Mignolo, Silviano Santiago, Haroldo de Campos e Eneida Maria de Souza.

Palavras-chave: Literatura comparada descolonial; Descoloniabilidade; Literatura comparada.

Abstract: This essay proposes a discussion around the conceptualization of a possible decolonial comparative literature. To this end, it focuses on the practice of demetaphorization, which in turn opposes the practice of metaphorization employed by the discipline of modern comparative literature. The proposed theorization is based on theoretical discussions arising from both comparative literature and decolonial studies. Among such theorists, Walter Mignolo, Silviano Santiago, Haroldo de Campos and Eneida Maria de Souza deserve special mention.

¹ Edgar César Nolasco é professor titular da UFMS e coordenador do NECC: NÚCLEO DE ESTUDOS CULTURAIS COMPARADOS, além de Membro do GT de Literatura Comparada da ANPOLL e Membro do Conselho deliberativo da ABRALIC gestão 2024-/2025. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8180-585X>. Email: ecnolasco@uol.com.br.

Keywords: Decolonial comparative literature; Decoloniality; Comparative literatura.

Resumen: Resumen: El ensayo propone una discusión en torno a la conceptualización de una posible literatura comparada descolonial. Para ello, se centra en la práctica de la desmetaforización que, a su vez, contrasta con la práctica de la metaforización empleada por la disciplina de la literatura comparada moderna. La teorización propuesta se basa en discusiones teóricas surgidas tanto de la literatura comparada como de los estudios decoloniales. Entre estos teóricos merecen mencionarse Walter Mignolo, Silviano Santiago, Haroldo de Campos y Eneida María de Souza.

Palabras clave: Literatura comparada decolonial; Descolonialidad; Literatura comparativa.

TEORIZAR É DESMETAFORIZAR: teorização descolonial



78

A Coerência tem seu quinhão em minha vida e obra. O forte de meus escritos não é a exploração objetiva da presença angustiante e aflita da atualidade em

nosso mundo e nossas vidas. Esquivo-me do presente para avançar pelo futuro ou por me refugiar, como no presente caso, em lembranças. Gosto ainda de inventar metáforas para esquivar de tratar o presente pelo seu nome próprio. A Pandemia. De repente, graças à linguagem figurada, o significado reduzido de um ato absurdo se torna mais espaçoso e se enriquece por diferentes e semelhantes sugestões de sentido. Também me esquivo da atualidade histórica. Arredada e distanciada do presente, a narrativa artística é a que enuncia mais corajosamente o acontecimento, com vistas a uma representação mais justa de sua importância acidental e repercussões. Pelo seu aspecto proteiforme, escorregadio e preciso, a palavra literária se produz e se auto-afirma como a mais categorizada das possíveis expressões humanas sobre a atualidade.

SANTIAGO. 12 de outubro, p. 7 (Texto não publicado).

Visando dar continuidade à discussão feita anteriormente² e ao mesmo tempo justificar o título desta parte — Teorizar é desmetaforizar — valho-me, agora, tanto do esquema conceitual (Figura), quanto da passagem transcrita acima de autoria de Silviano Santiago e retirada de texto inédito. Valho-me do esquema neste começo por entender que, se, por um lado, ele ilustra a discussão teórica feita na parte inicial deste trabalho — Teorizar é metaforizar — em que conceitualmente se contemplou questões voltadas para a metáfora, a ficcionalização, a inter e transdisciplinaridade, desteorizar e descomparar, descentramento e reescrita etc.; por outro lado, aponta conceitos que devem ser contemplados na discussão deste texto, como desmetaforização, geopolítica e corpo-política, desobediência e desprendimento, re-teorizar e re-comparar etc. Se, num primeiro momento, a discussão centrou-se em torno de teorias modernas, como sugeria o subtítulo, agora a discussão volta-se para a teorização descolonial, como também aponta o subtítulo desta parte. Justificada, em parte, a presença do esquema conceitual que abre este texto, passo para a passagem destacada de autoria de Silviano Santiago, por entender que ela também ajuda na introdução da discussão que aqui se propõe. E ajuda na medida em que, de forma direta e precisa, reforça até a exaustão a prática de que teorizar é metaforizar, não deixando brechas para se pensar o outro lado da moeda, ou seja, de que teorizar é desmetaforizar, reiterando, por conseguinte, a coerência pós-moderna de que

² Ver o texto ENTRE MODERNISMOS E DESCOLONIAIDADES: desafios para uma teorização outra, p. 09-22. IN: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: MODERNIDADES E MODERNISMOS NUNCA MAIS, v.1, n 29, 2023. <https://doi.org/10.55028/cesc.v1i29.19851>.

teorizar é ficcionalizar, criar, inventar, como já deixa entrever a passagem transcrita. E é nesse sentido, pelo avesso, que tomo a passagem destacada, ou seja, como uma ilustração do campo oposto pretendido pela desmetaforização e, por conseguinte, da teorização descolonial, como procurarei trazer na sequência. Quando Silviano afirma, por exemplo, de que “gosto ainda de inventar metáforas para esquivar de tratar o presente pelo seu nome próprio. A Pandemia”, por mais que exceptuemos o contexto pandêmico, encontramos aí a prática de uma “linguagem figurada” e que cujo “significado” resultante “se enriquece por diferentes e semelhantes sugestões de sentido.” A prática desse encobrimento metafórico não por acaso alude à prática comparatista das semelhanças-e-diferenças, cujo exercício, por mais em desuso que possa estar nos dias atuais nas boas leituras comparatistas, ainda preza pelas relações inter e transdisciplinares, bem como revisita e pratica a reescrita de conceitos e ideias modernas.

Adentrando a discussão que contempla a prática de que teorizar é desmetaforizar, em contraposição ao já discutido na parte inicial deste texto, começo por afirmar que, enquanto as teorias modernas (a teoria comparatista e a teórica a exemplos aqui), grosso modo, centraram-se em torno das semelhanças-e-diferenças (metáfora), a teorização descolonial vai defender as semelhanças-na-diferença (desmetaforização). Em livro já citado anteriormente *Fisiologia da composição* (2020), Silviano Santiago desenvolve sua proposta ensaística a partir do que ele chama de “diferença-na-semelhança”, o que seria, grosso modo, uma forma prática textual e de leitura de reprodutibilidade, hospitalidade, e suplementariedade entre textos e autores na composição fisiológica³.

Se trago a discussão feita ali por Silviano, primeiro seria para pontuar que a singularidade de sua leitura dá-se quando o crítico ressitua a presença do corpo quando se parte não do texto, mas da composição propriamente dita; segundo, porque, para levar a cabo sua proposta de composição ensaística ao longo do livro,

³ “Ao assumir a diferença-na-diferença, o autor de *Em liberdade* afirma que a principal originalidade do ato de hospedar sua obra está no admirável potencial de reprodutibilidade — no potencial hoteleiro — que o estilo de Graciliano Ramos comporta, admite e acolhe, seja nas Memórias do cárcere seja na variada ficção. O estilo responsável pelo corpo de Graciliano Ramos está tematizado nas memórias e, no caso de “*Em liberdade*”, ele passa a ser responsável pelo corpo presente de Graciliano Ramos na composição estilística/fisiológica do diário íntimo ficcional.” (SANTIAGO. *Fisiologia da composição*, p. 19).

rediscute a metodologia tanto da Teoria da literatura quanto da Literatura comparada. E terceiro porque a ampla discussão realizada por Silviano endossa de forma cabal a proposição política de que teorizar é metaforizar.

A justificativa de que teorizar é desmetaforizar, considerando o exposto, pode se dar a partir da ideia de que a teorização descolonial propõe a política das “semelhanças-na-diferença” (MIGNOLO), como forma de substituir a ideia de “semelhanças-e-diferenças”, como encontramos, grosso modo, nos estudos comparatistas (por mais que estes tenham levado à exaustão tais comparações). Uma contribuição específica das semelhanças-na-diferença resume-se nesta passagem, de Walter Mignolo, transcrita do livro *Histórias locais/projetos globais* (2003):

Enquanto a noção de semelhanças-e-diferenças constitui o arcabouço conceitual dentro do qual se construiu a própria ideia da civilização ocidental (relegando as diferenças aos bárbaros, selvagens, canibais, primitivos, subdesenvolvidos etc), a ideia de semelhanças-na-diferença evoca a recolocação de línguas, povos e culturas cujas diferenças são examinadas, não numa direção única (a da noção restrita dos processos civilizadores como a marcha triunfal da modernidade), mas em todas as direções e temporalidades regionais possíveis. O processo civilizador e a marcha triunfal da espécie humana, entre diversos processos civilizadores, e *não apenas* a difusão global das civilizações europeia/ocidental sob a bandeira do progresso, da civilidade e do desenvolvimento. (MIGNOLO, 2003, p. 278. Grifos do autor).

81

Afora o arcabouço conceitual que sustenta a diferenciação entre a política das semelhanças-e-diferenças e a das semelhanças-na-diferença transcrito na passagem, volto-me para mais uma explicação necessária envolvendo as devidas e referidas semelhanças e diferenças conceituais. Retomando aqui uma possível leitura do esquema conceitual (figura), antes transcrito, mais a justificativa de que o que se propõe e se discute aqui advém da expressão “aprender a desaprender, para así re-aprender”⁴, segundo a qual, de acordo com Walter Mignolo, é o primeiro passo para a fundação de uma gramática da descolonialidade, reitero que, se, no campo do teorizar como metaforizar, o jogo metafórico vai até o prefixo “re”, sendo, por conseguinte, teorizar para desteorizar e comparar para descomparar por exemplo, no campo do teorizar como desmetaforizar tudo parece começar a partir do “re-”, a exemplo de re-teorizar e re-comparar etc. Logo,

⁴ A expressão faz parte dos documentos da Universidade Intercultural dos Povos Indígenas do Equador. (Ver MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 98).

subentende-se, desde já, que teorizar como desmetaforizar contempla neste texto, na verdade, um re-comparar como desmetaforizar. Em sucinto parêntese, e pensando na rubrica literatura comparada descolonial, podíamos dizer que, na verdade, ela não existe enquanto disciplina, posto que o que existiria seria exatamente uma possibilidade de se comparar outra que não passaria necessariamente pelo campo da disciplina de Literatura comparada Ocidental, mas, antes, uma teorização de ordem comparatista outra cuja base estaria assentada na epistemologia fronteira (ANZALDÚA) que move, inclusive, a teorização e o pensamento fronteiriços descoloniais. Em todo caso, em havendo uma literatura comparada descolonial, esta não estaria propondo uma mera inversão epistemológica, uma vez que se fundamentaria da exterioridade do pensamento ocidental moderno e, por conseguinte, sua teorização conceitual se prenderia a partir da prática do “re-comparar”, e cuja reflexão comparatista descolonial partiria de uma opção epistemológica de desmetaforização (inclusive da própria literatura).

82

(Querendo contornar e pontuar o campo prolegômeno da rubrica e, por extensão, de uma possível gramática do que venho nominando de literatura comparada descolonial, detenho-me em torno de uma discussão de fundo conceitual que, a princípio, parece não se constituir tão longe do que entendemos por literatura comparada hoje. Tendo por base a epistemologia e o pensamento fronteiriços, Walter D. Mignolo, ao longo de *Histórias locais/Projetos globais* (2003), discute, entre outras questões de ordem conceitual, acerca do prefixo trans-, do conceito de fagocitose a partir de Rodolfo Kusch e do conceito de transculturação e, ao fazer isso, abre espaço para se pensar no que aqui estou chamando de literatura comparada descolonial, posto que o autor não deixa de trazer no bojo de sua discussão uma rediscussão conceitual da própria disciplina de literatura comparada no Ocidente. A exemplo, vejamos:

O próprio conceito de literatura pressupõe a língua oficial de uma nação/império e a transmissão da literalidade cultural nela embutida. Portanto, não basta reconhecer os elos entre a emergência da literatura comparada com o campo de estudos e a cumplicidade da literatura com a expansão imperial e a construção da nação, além de todas as complexidades envolvidas no processo. É necessário manter o horizonte colonial e a diferença de poder entre, por exemplo, a construção da nação (como no

caso da Argentina) e a construção da nação como império (como no caso da Inglaterra). [...] É o próprio conceito de literatura, como as conceitualizações filosóficas e políticas da língua, que deveria ser deslocado da ideia de objetos (isto é, gramática da língua, obras literárias e história natural) para a ideia de linguajamento como prática cultural e luta pelo poder. (MIGNOLO, 2003, p. 310).

Adentrando a discussão proposta por Mignolo a partir da passagem, e tendo por premissa não uma reconceitualização de literatura comparada mas, ao contrário, a possibilidade de uma literatura comparada outra, também entendemos que não bastaria insistir na leitura comparatista atrelada unicamente ao campo de estudos de área; antes, seria necessário levar-se em conta a diferença colonial e as demais diferenças instauradas entre as nações, imperiais ou não, visando com isso, entre outras questões, desprender o conceito de literatura de quaisquer ideias de “objeto” e direcionando-a para o campo das fronteiras entre as línguas. É nesse sentido que Mignolo vai privilegiar a política do “trans-” e com certeza menos na direção do discurso transdisciplinar e mais no de transcultural. Adverte-nos o autor de que, “como prefixo trans- quero, pois, indicar algo além das línguas e literatura nacionais e dos estudos comparatistas que pressupõem as línguas e as literaturas. A literalidade [...] e o linguajamento estão sendo transportados para o primeiro plano desse discurso transdisciplinar”.⁵ Reitera-se que esta afirmação de Mignolo reforça a política das semelhanças-na-diferença, e de modo específico quando se impõe no bojo da discussão a questão para além das fronteiras das línguas. Não por acaso que, na discussão do crítico, “o linguajamento seria aqui entendido como o deslocamento das línguas hegemônicas e imperiais (espanhol, inglês) e sua recolocação dentro da perspectiva das línguas ameríndias.”⁶

Essa prática de pensar as línguas para além das línguas, um estado primevo das línguas que em um pensamento ameríndio e fronteiriço remonta à terra. Essa prática atravessada pelo linguajamento, pelo processo de transculturação e uma fagocitose cultural (MIGNOLO), de meu ponto de vista, prepara o terreno para o que chamo aqui de literatura comparada descolonial e, não por acaso, tal prática demanda uma teorização:

Teorizar é uma forma de linguajamento, tal como o linguajamento implica sua própria teoria: teorizar línguas dentro de estruturas sociais de dominação é lidar com

⁵ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 302.

⁶ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 366.

as condições “naturais” plurilinguais do mundo humano “artificialmente” eliminadas pela ideologia monolingual e a hermenêutica monotópica da modernidade e do nacionalismo. (MIGNOLO, 2003, p. 311.)

Assim, com base ou a partir desse arcabouço teórico conceitual em que se funda uma literatura comparada descolonial, assentada sempre a partir de um pensamento e epistemologia fronteiriços, inscreve-se e sobressai uma prática literária outra que não se formula mais como “objeto de estudo” mas, sim, como *produção de conhecimento teórico*: “não como ‘representação’ de algo, sociedade ou ideias, mas como reflexão à sua própria moda sobre problemas de interesse humano e histórico”, afirma Mignolo”.⁷ Tomar a literatura comparada descolonial e, por conseguinte, sua teorização, como uma *produção de conhecimento teórico* é rechaçar a prática moderna e, por extensão, sua epistemologia, como centro/lugar de onde partiram as teorias itinerantes, bem como as formações disciplinares e o desejo de subalternizar o outro e o conhecimento desse outro, cuja potência de pensamento hegemônico (modernidade/colonialidade) resumiu-se em *transformar outras formas de saber em mero objetos de estudo*.⁸ Entender a rubrica de uma literatura comparada descolonial como uma teorização de ordem descolonial equivale a rechaçar a ideia moderna e universalizante de que algumas *formas de conhecimento* podem ser relegadas à *posição de objeto* e que, por extensão, o pensamento teórico pode ser *desvinculado de locais linguísticos e geográficos*. Nesse sentido, a afirmação de Mignolo é esclarecedora: “Pensar teoricamente é dom e competência de seres humanos, não apenas de seres humanos que vivam em um certo período, em certos locais geográficos do planeta e falem um pequeno número de línguas específicas”⁹.

Se pensar é dom e competência de todos os seres humanos do planeta, independentemente do lugar que possam estar, então ainda precisamos desmetaforizar o pensamento ocidental moderno para, assim, desfazer a grande história ficcional moderna criada acerca do outro da periferia no Ocidente e do mundo global. É nesse sentido, em particular, que a discussão em torno de conceitos como o de transculturação e o de fagocitose (KUSCH), entre outros,

⁷ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 305.

⁸ Ver MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 286.

⁹ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 159.

empreendida por Mignolo em *Histórias locais/Projetos globais* ajuda-nos a pensar na teorização das semelhanças-na-diferença e, por conseguinte, do próprio pensamento descolonial. Valendo-se do conceito de “fagocitose cultural”, do filósofo argentino Rodolfo Kusch, Walter Mignolo explica que o referido conceito se trata, na verdade, de um processo duplo, *porque enquanto a civilização ocidental era transformada pelas tradições ameríndias nas margens, estas mesmas tradições que transformavam também foram relegadas a um outro plano pela hegemonia do processo civilizador*. Essa discussão que já se dá no bojo de um processo de transculturação, de acordo com o crítico, faz com que a fagocitose de Kusch se aproxime da ‘transculturação de Ortiz, do ‘entre-lugar’ de Santiago e da própria noção de ‘pensamento fronteiro’ de Mignolo.¹⁰ Explorando a ideia de aproximação proposta pelo crítico, vemos que, em se tratando de uma lugar teórico-filosófico-comparatista para se pensar uma literatura comparada descolonial, a referida aproximação se exerce ‘para além de uma mera aproximação, chegando mesmo, inclusive, a fundar um possível lugar comparatista assentado numa teorização descolonial. Todavia, entrevejo que apesar da boa vontade do crítico quando fala em aproximação, o que sobressai mesmo é a marca indelével de uma *diferença*: porque encontramos no meio do caminho de tal aproximação uma diferença que reitera a “diferença” da desconstrução (des-) do projeto colonial moderno, e uma diferença que move o pensamento fronteiro ou descolonial que prima pela diferença colonial. Nesse jogo aproximativo o que temos, na verdade, é uma *bondade* relacional entre as semelhanças-e-diferenças e as semelhanças-na-diferença, conforme vimos discutindo deste alhures aqui.

85

O método para tal proposta de uma literatura comparada descolonial centra-se em aprender a descomparar para, assim, re-comparar (os conceitos e as teorias) a partir da diferença colonial, tendo por prática uma teorização contínua assentada na *desobediência epistêmica* e no *desprendimento*, cuja prática ancora-se na exterioridade do pensamento (reflexão) comparatista moderno (deter-me-ei nisso depois). Precisamos desmetaforizar o pensamento ocidental moderno para assim desfazer a grande história (falácia) moderna criada acerca do outro da periferia no ocidente. Desmetaforizar no sentido em que a fagocitose cultural, proposta por Kusch, deixa entrever, ou seja, naquele preciso momento em que a razão

¹⁰ Cf. MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 216.

subalterna (do “escravo”) do des-sujeito da exterioridade pratica a fagocitose em relação à razão moderna (do “senhor”) do colonizador.¹¹ Também percebe-se que ocorre aí um gesto transculturador, na medida em que transculturação, de acordo com Mignolo, pode ser entendida como um pensamento fronteiriço em sua argumentação, cujo pensamento demanda a inscrição de uma epistemologia fronteiriça que se articula para além das dicotomias presentes no imaginário dominante do sistema mundial colonial moderno.¹² Enfim, se a transculturação pode ser entendida como um pensamento fronteiriço, este também, segundo Mignolo, pode ser tomado como uma fagocitose, na medida em que seria “uma ‘fagocitose’ da civilização pelo bárbaro e não o bárbaro se curvando e entrando na civilização”.¹³ Essa relação que não deixa de ser a de uma transculturação antropofágica transmoderna, quando a trazemos para pensar em uma literatura comparada descolonial devemos, primeiro, nos lembrar disto sobre o qual Mignolo nos adverte: “as línguas e os estudos literários mantiveram-se dentro da moldura epistemológica da prática cultural e da academia da modernidade do Atlântico Norte e da configuração cultural moldada pela ideia da civilização e da missão civilizadora, juntamente com o processo da globalização econômica.”¹⁴ Em sendo isso um fato inquestionável, parece-nos restar como saída para uma prática comparatista descolonial não mais comparar *sobre*, mas em teorizar/comparar *a partir* das margens (fronteiras) — margens ou fronteiras no sentido geográfico e epistemológico.¹⁵ Ou seja, parafraseando Mignolo, ter, sim, uma formação em teorias comparadas (civilizadas e europeias) mas também a experivência de alguém que *habita* e *vivencia* a partir de lugares que foram postos à margem pelo próprio conceito (e expansão) de literatura comparada ocidental.)

¹¹ Ver MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 221.

¹² Cf. MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 286.

¹³ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 409.

¹⁴ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 414.

¹⁵ Ver MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 416.

Terminado nosso périplo de um prolegômeno acerca do que venho chamando de literatura comparada descolonial, retomo a conversa inicial envolvendo o arcabouço conceitual que compreende a afirmação de que *teorizar é desmetaforizar*. E o faço exatamente parafraseando a passagem anteriormente transcrita de Eneida de Souza, em que ela justificava que teorizar é metaforizar, para reiterar que, para a teorização descolonial, teorizar é desmetaforizar porque não equivale à dobra dos discursos e nem à ficcionalização da teorização; antes preza pela inscrição corpo-bio-política dos envolvidos e tem a epistemologia fronteira na gênese de seu modo de pensar. Apegada à teorização de ordem descolonial e, por conseguinte, à epistemologia fronteira, a teorização como desmetaforização propõe uma prática assentada na desobediência epistêmica e no desprendimento sem precedentes em toda a epistemologia moderna. Nesse processo de desmetaforização, se, por um lado, ocorre o reconhecimento da história do sistema colonial moderno, por outro, ocorre também o rechaçamento de tal forma de pensar moderna ocidental. Sem primar pelos descentramentos ou deslocamentos dos discursos e dos lugares, teorizar como desmetaforizar volta-se para a importância dos lugares fronteiros geopolíticos e epistemológicos, privilegiando não a hibridização dos lugares e seus descentramentos, mas, antes, a possibilidade de pensá-los sempre a partir de sua condição de biolocus e geoistórica. No gesto desmetafórico desse procedimento descolonial, a prática do re-comparar deve ser entendida como uma teorização cujo procedimento se formula a partir da exterioridade do pensamento (comparatista) ocidental moderno como forma, inclusive, de romper com os “objetos” e “métodos” que se consolidaram nas práticas modernas. Re-comparar, da perspectiva das semelhanças-na-diferença, propõe uma recolocação das línguas e literaturas, dos povos e das culturas (e suas diferenças) em todas as direções e *loci* possíveis, e não como insistiu a razão moderna em uma visada única e, por conseguinte, hegemônica.¹⁶ Não por acaso que, de acordo com Mignolo, “a literatura e as

¹⁶ A modernidade é para muitos (para Jurgen Habermas e Charles Taylor, por exemplo) um fenômeno essencialmente ou exclusivamente europeu. Nestas conferências, argumentarei que, de fato, a modernidade é um fenômeno europeu, mas um fenômeno constituído numa relação dialética com uma alteridade não-europeia que é seu conteúdo último. A modernidade surge quando a Europa se afirma como o “centro” de uma história universal que ela inaugura: a “periferia” que cerca esse centro é consequentemente parte de sua autodefinição. A oclusão dessa periferia (e do papel da Espanha e Portugal na formação do sistema mundial moderno, do fim do século 15 até meados do século 17) leva os principais pensadores contemporâneos do “centro” a

teorias pós-coloniais estão construindo um novo conceito de razão como *loci* diferenciais de enunciação.”¹⁷ Considerando que o re-comparar e, por conseguinte, a literatura comparada descolonial, estão assentados nessa relação diferencial¹⁸ da diferença colonial, entende-se por diferencial aqui precisamente o *deslocamento do conceito e da prática das noções de conhecimento, ciência, teoria e compreensão articuladas no decorrer do período moderno*¹⁹. Detenho-me um pouco mais nessa questão do diferencial por entender que a teorização que move uma literatura comparada descolonial parte precisamente desses *loci* diferenciais de enunciação, “onde as diferenças se relacionam com originar-se de diferentes heranças coloniais e estar em diferentes locais geoculturais.”²⁰ Retomo lembrando, mais uma vez, que a ideia de semelhanças-na-diferença vai substituir a ideia de semelhanças-e-diferenças porque enquanto estas estavam presas aos discursos coloniais e imperiais (lôcus único), aquelas estavam propondo *loci* diferenciais de enunciação, por meio de uma recolocação de línguas, teorias etc não mais numa direção única, mas em todas as direções e temporalidades possíveis. Opera-se aí um jogo não menos diferencial entre a razão moderna e a razão subalterna ou descolonial, na medida em que enquanto aquela privilegiou as “heranças coloniais”, a razão descolonial revela uma mudança em relação à própria fundação da razão moderna como prática cognitiva, política e teórica.²¹ Não por acaso que, de acordo com Mignolo, razão descolonial deve ser entendida como um conjunto diverso de práticas teóricas emergindo *dos* e respondendo *aos*

uma falácia eurocêntrica em sua compreensão da modernidade. Se sua compreensão da genealogia da modernidade é assim parcial e provinciana, suas tentativas de uma crítica ou defesa desta são da mesma forma unilaterais e, em parte, falsas. (DUSSEL *apud* MIGNOLO, 2003, p. 166).

¹⁷ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 167. (“... diferencial também pode significar o modo como *desloco* (traduzo) as leituras críticas das quais me valho, como a do próprio Mignolo pensada em inglês e dos Estados Unidos sobre a América Latina, para pensar de forma *diferencial* a periferia em questão (neste caso, como já disse, trata-se da fronteira do estado de Mato Grosso do Sul com os países Paraguai e Bolívia”, p. 91)

¹⁸ Ver NOLASCO. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*, p. 91.

¹⁹ Ver MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 167.

²⁰ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 166.

²¹ Ver MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 161.

legados²² e “surge como resposta à necessidade de repensar e *reconceitualizar* as histórias narradas e a conceitualização apresentada para dividir o mundo entre regiões e povos cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, modernos e pré-modernos e desenvolvidos e subdesenvolvidos.”²³ Desde a *recolocação* das línguas e das teorias encontradas na ideia de semelhanças-na-diferença, passando agora pela *reconceitualização* proposta pela razão descolonial, o que temos é um exercício de *descolonização* que, por privilegiar os diferentes *loci* de enunciação, encontra na prática da razão não moderna uma distribuição geopolítica do conhecimento que se explica pelas heranças coloniais e pelas histórias críticas locais do mundo. Na proposta do autor de *Histórias locais/Projetos globais*, a razão pós-subalterna, ou descolonial como preferimos, se apresenta como um novo conceito de razão que se articula a partir de um *lôcus* diferencial de enunciação. São também dos *loci* de enunciação diferentes que emergem diferentes outros inícios da história que não foram devidamente contemplados pelo projeto autocentrado da modernidade. É pensando nisso, e a partir de Dussel, que Mignolo repensa, inclusive, o mapa da modernidade, sobretudo a partir do conceito de *transmodernidade* (DUSSEL), enquanto uma “co-realização daquilo que a modernidade não consegue realizar sozinha: “ou seja, uma *inclusão* solidária, a que chamei analéptica, entre centro/periferia, homem/mulher, diferentes raças, grupos étnicos, classes, civilização/natureza, ocidental/culturas do Terceiro Mundo etc.”²⁴ Não por acaso que essa *inclusão* solidária de que fala Dussel justifica-se pela *oclusão* causada pela modernidade, com relação à periferia, a partir do momento em que aquela se afirmou como centro de uma história universal europeia. Pensando na rubrica literatura comparada descolonial enquanto um *lôcus* diferencial teórico de enunciação, talvez se deva dizer aqui que não se trata mais de pensá-lo *de dentro* da epistemologia moderna, senão apenas e tão somente repetir-se-ia endossando a visada comparatista da disciplina literatura comparada, quando a saída está em se predispuser a pensar comparada e descolonialmente a partir da fronteira (“periferia” para a modernidade). Pensar assim requer de uma teorização comparatista descolonial uma *ruptura epistemológica* com relação à ordem de uma literatura comparada e, por extensão,

²² Ver MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 139.

²³ MIGNOLO. *Histórias locais/projetos globais*, p. 143. Grifo meu

²⁴ DUSSEL *apud* MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p. 169. Grifo meu.

com relação à epistemologia moderna ocidental senão, caso contrário, estar-se-ia apenas pensando, mais uma vez e sempre, comparativamente, mas assentado numa visada comparatista moderna e tradicional. Entenda-se que a expressão *ruptura epistemológica* aqui não se trata simplesmente de um ato de *ruptura* como tão comumente aconteceu dentro do projeto moderno porque mais do que *observar o outro observando a si mesmo*, como postula Mignolo, refere-se em engastar a perspectiva do modo de pensar em uma epistemologia fronteiriça, como deve acontecer com o pensamento descolonial e, por conseguinte, com uma literatura de ordem descolonial. Por sua vez, assentada nessa ruptura epistemológica, uma literatura comparada descolonial não proporia *uma continuação local de um projeto universal*, mas, muito pelo contrário, por defender e partilhar de um lócus de enunciação diferencial, proporia como saída epistemológica a *diferença* (colonial), inclusive como forma de se afastar definitivamente dos fundamentos epistemológicos modernos criticados. Deve-se observar que essa relação que se estabelece entre conhecimento, teorização e sua localização geoistórica somente se torna possível quando se considera os *loci* diferenciais de enunciação, dos quais se originam diferentes heranças coloniais, todas presididas pela exterioridade do pensamento colonial moderno. Em contrapartida, quando não se leva em conta os diferentes *loci* de enunciação, o que temos é a insistência e persistência de um único lócus de enunciação que afirma sua superioridade advinda da razão moderna. Enquanto naquele caso teríamos uma relação diferencial a partir da qual as diferenças se aproximam pela diferença (colonial), ou seja, aproximam-se pelas semelhanças-na-diferença, havendo aqui um afastamento ou deslocamento entre os postulados conceituais do conhecimento, da ciência e da teoria da modernidade, nesse caso, pelo contrário, há uma relação diferencial que não se desprende de um gesto diferencial do universal, cuja proposta se vincula a uma assimilação e devoração crítica desconstrutora por excelência. Diferentemente do que encontraríamos numa razão descolonial, encontramos na razão ocidental uma reafirmação disso. Pode ilustrar o que queremos dizer o texto “Da razão antropofágica, de Haroldo de Campos, quando este afirma que a antropofagia, por exemplo, “não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação; melhor ainda, uma ‘transvalorização’: uma visão crítica da história como função negativa (no sentido de Nietzsche),

capaz tanto de apropriação como de expropriação, desierarquização, desconstrução. Todo passado que nos é ‘outro’ merece ser negado. Vale dizer: merece ser comido, devorado.”²⁵ Essa razão antropofágica, que não deixa de ser lida criticamente por Haroldo, por propor uma desconstrução derridaiana do logocentrismo que herdamos do ocidente, está presa a um “diferencial no [do] universal.”²⁶ Esse diferencial, ou diferença presidida por um universal (abstrato), pensa, não a partir de, mas *sobre* a relação dialógica e dialética com o projeto universal da modernidade e respectiva epistemologia. Diferença essa que, por não se desvincular do sistema colonial-universal moderno, se inscreve entre o próprio e o alheio, num movimento “dialógico desconcertante”, “do mesmo e da alteridade, do aborígene e do alienígena (europeu)”, nas palavras de Haroldo, cuja relação diferencial pensa e fala a diferença “nos interstícios de um código universal”, assim como faziam os escritores latino-americanos, segundo o crítico. Ainda na esteira da reflexão crítica proposta por Haroldo, podemos dizer que tal razão antropofágica resultou em um texto de textos, crítico por excelência, ao mesmo tempo que “Universal e diferencial”.²⁷ Em leitura de base comparatista, Tania Franco Carvalhal já se fizera observar que “é preciso atentar para o risco de cair no extremo oposto. Se antes, no comparatismo tradicional, a direção era única — da cultura dominadora para a dominada —, comprometendo toda a atuação ao torná-la determinista e restringindo o ângulo de visão, adotar a perspectiva antropofágica consistiria em inverter essa direção, apenas.”²⁸ Continua Tania na sequência reconhecendo que a proposta antropofágica é fascinante, mas “o que parece ser mais rentável para os estudos comparados não é apenas a reversibilidade do processo; portanto, não é a devoração (assimilação) vista no seu sentido mais superficial, mas compreendida no seu caráter seletivo, como *capacidade crítica de selecionar do alheio o que interessa*.”²⁹ Menciono propositalmente a passagem comparatista de Tania apenas para reiterar que a disciplina de literatura comparada resolveu, para além de seu tradicionalismo e

²⁵ CAMPOS. Da razão antropofágica, p. 235.

²⁶ CAMPOS. Da razão antropofágica, p. 243.

²⁷ CAMPOS. Da razão antropofágica. 244-245.

²⁸ CARVALHAL. *Literatura comparada*, p. 80.

²⁹ CARVALHAL, *Literatura comparada*, p. 80. Grifo meu.

depois, questões envoltas à dependência literária e cultural, talvez até mesmo com relação de *selecionar do alheio o que lhe interessava*, propondo até um comparatismo “descolonizador” com relação ao eurocentrismo, mas, por conseguinte e em todo caso, não se desvinculou da diferença desconstrutora universal. Ainda ilustraria essa visada de avanço máximo de desconstrução comparatista os célebres e datados ensaios “O entre-lugar do discurso latino-americano” e “Apesar de dependente, universal”, ambos de Silviano Santiago. O título deste ensaio já é sintomático da discussão aqui levantada, uma vez que Silviano não vai se descuidar, por nenhum momento, da presença inconteste e crítica do Universal: “não se escamoteia a dívida para com as culturas dominantes, pelo contrário, enfatiza-se a sua força coerciva; não se contenta com a visão gloriosa do autóctone e do negro, mas se busca a inserção diferencial deles na totalização universal.”³⁰ Interessa-me aqui tão somente chamar a atenção para a síntese da leitura crítica do autor, quanto a *buscar a inserção diferencial do outro na totalização universal*. Continua Silviano: “o texto descolonizado na cultura dominada acaba por ser o mais rico [...] por conter em si uma representação do texto dominante e uma resposta a esta representação no próprio nível da fabulação, resposta esta que passa a ser um padrão de aferição cultural da universalidade tão eficaz quanto os já conhecidos e catalogados.”³¹ Reconheço aqui que, se não fosse meu propósito estabelecer uma relação (não menos comparatista) entre a disciplina de Literatura comparada ocidental e uma possível literatura comparada de base descolonial, contribuições como as empreendidas por Silviano Santiago e Haroldo de Campos, entre outros, levam ao grau máximo, revendo e descentralizando, os postulados da relevante Literatura comparada. Todavia, como meu propósito, desde o início, é o de pensar por fora dessa visada crítica desconstrutora presidida pelo *boom* do sistema colonial moderno, de cujo pensamento sobressai a epistemologia moderna ocidental, resta-me concluir por ora que por mais que tais visadas críticas, como as mencionadas, flertem às vezes até mesmo com a teorização descolonial e respectiva epistemologia fronteiriça, não se desprendem totalmente da razão que rege o pensamento ocidental.

Por fim, valho-me de duas passagens, sendo uma de Campos e a outra de Silviano, para pontuar que ambas, além de se complementarem, endossam a

³⁰ Apud CARVALHAL. *Literatura comparada*, p. 84.

³¹ Apud CARVALHAL. *Literatura comparada*, p. 84.

prática teórica e crítica de um *ritual antropófago* que, metaforicamente, aproxima as diferenças (descoloniais) da diferença universal colonial moderna:

Escrever, hoje, na América Latina como na Europa, significará, cada vez mais, reescrever, remastigar.³²

Falar, escrever, significa: falar contra, escrever contra.³³

Não resta dúvida de que ambos os críticos brasileiros nos ensinaram a todos a aprender a desaprender, assim como nos ensinaram a teorizar para desteorizar e nos ensinaram ainda a comparar para descomparar, uma vez que se valeram de uma prática crítica borgiana latino-americana de reescrita/releitura infinita, criando-nos um *tutano diferencial* no (do) universal. Se, por um lado, os des-sujeitos da exterioridade já cruzaram as fronteiras (fazendo alusão ao último parágrafo do texto de Haroldo), por outro, resta-nos agora, a partir da epistemologia fronteiriça, re-aprender a re-teorizar e a re-comparar, e não para continuarmos de onde os referidos críticos pararam, mas para pontuar que há outras formas epistemológicas e teóricas de pensar que não passam, necessariamente, pela razão ocidental moderna.³⁴

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: perspectiva, 1992. P. 231-255: Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira.'

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. 4ª edição revista e ampliada. São Paulo: Ática, 1999.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César. Entre modernismos e descoloniapidades: desafios para uma teorização outra, p. 09-22. IN: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*:

³² CAMPOS. Da razão antropofágica. 255.

³³ SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-amnericano, p. 18.

³⁴ Informo ao possível leitor deste ensaio que o mesmo encontra-se ainda em desenvolvimento, cuja parte conclusiva será apresentada no ENCONTRO DO GT DE LITERATURA COMPARADA que ocorrerá entre os dias 29/10 e 1º/11 de 2024 em Salvador.

MODERNIDADES E MODERNISMOS NUNCA MAIS. V.1. nº 29, 2023.

<https://doi.org/10.55028/cesc.v1i29.19851>

NOLASCO, Edgar César (org.). *Eneida Maria de Souza*: amizades perto do coração; Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição*; Gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis. Recife: Cepe, 2020.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos* (edição ampliada). Recife: Cepe, 2019. p. 9-30: O entre-lugar do discurso latino-americano.

SOUZA, Eneida Maria de. *Narrativas impuras*. Recife: Cepe, 2021.

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica*: ensaios. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007 (Coleção obras em Dobras).

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

Artigo recebido em 19 de junho de 2024.

Artigo Aprovado em: 06 de setembro de 2024.